

Presidente do Iphan contradiz diretora

O Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), órgão federal designado para fiscalizar a manutenção do tombamento da cidade, está ajudando na elaboração do edital.

“Nosso compromisso é trabalhar junto com o governo para que depois o projeto não fique na gaveta. Estamos com um arquiteto lá para dar os limites ao concurso”, afirma a museóloga e diretora regional do Iphan, Célia Corsino.

Questionada sobre a autonomia

da instituição em relação ao projeto, ela garante que a participação do Iphan na comissão não vai interferir em decisões futuras.

“A gente quer mesmo é preservar Brasília. O objetivo dessa competição é transformar o centro no coração da cidade.”

Divergência — No entanto, o presidente do Iphan, Glauco Campelo, não concorda com a subordinada. “Não sabia de nada disso, mas achô a idéia inadequada. O Iphan tomará todas as medidas que

julgar necessárias.”

Para o arquiteto Carlos Magalhães, o Iphan tem que funcionar como uma barreira à especulação nas cidades tombadas. “Essa promiscuidade entre o Iphan e o GDF não é saudável”, critica.

Ele compara a situação de Brasília à de Ouro Preto. “Imagine se agora fizessem um projeto para mudar Ouro Preto!”.

O secretário Bicca rebate dizendo que na cidade mineira não está prevista a chegada de um metrô como

no DF. “Brasília é uma cidade grande, cosmopolita, que tem como viver 24 horas sem parar”.

No entanto, nada convence a filha de Lúcio Costa, Maria Elisa Costa, de que o concurso será bom para a cidade.

“Acho uma idéia infeliz. Vai trazer mais problemas para a cidade do que resolver. Todo mundo vai querer trazer novidade, mas Brasília só precisa de pequenas intervenções. É uma questão de querer resolver dentro de casa”, diz.